

COMENTÁRIO A “PSYCHOLOGY THROUGH CRITICAL AUTO-ETHNOGRAPHY”, DE IAN PARKER

COMENTARIO A “PSYCHOLOGY THROUGH CRITICAL AUTO-ETHNOGRAPHY”, DE IAN PARKER

COMMENTARY TO “PSYCHOLOGY THROUGH CRITICAL AUTO-ETHNOGRAPHY”, BY IAN PARKER

Wilson de Albuquerque Cavalcanti Franco

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, USP. São Paulo/SP, Brasil.

Resenha de

Parker, Ian (2020). *Psychology through critical auto-ethnography: academic discipline, professional practice and reflexive history*. Routledge.

Fiquei sabendo a respeito do livro mais recente de Ian Parker através do *Facebook*: Parker postou, em fevereiro deste ano, uma foto de uma pilha de exemplares do livro, anunciando que estava pronto, que tinha alguns exemplares disponíveis para divulgação e que os interessados poderiam entrar em contato (ele dispunha de alguns exemplares para distribuição, a título de divulgação). Como você já deve imaginar, escrevo este texto porque fui um dos interessados: falei com ele pelo comunicador do *Facebook*, ele pegou meu endereço e, três semanas depois, chegava em minha casa um exemplar em capa mole (“*paperback*”, como eles dizem na Inglaterra), enviado pela editora, a Routledge.

A primeira coisa que me chamou atenção na postagem de Parker foi a menção, já no título, à autoetnografia – metodologia em que tenho estado interessado desde que tive notícia de sua existência uns meses atrás, num dos capítulos do livro “*Branquitude*” (Müller & Cardoso, 2017). No contato inicial com Parker, no entanto, já fiquei sabendo que a autoetnografia não era discutida em profundidade no trabalho, e que o foco do livro não era esse (ele, apesar disso, gentilmente complementou a informação oferecendo indicações e arquivos digitais de materiais a respeito do método).

O trabalho do livro efetivamente passa longe de qualquer discussão metodológica: trata-se de uma espécie de autobiografia intencional, um relato de trajetória, que serve como plataforma para uma análise crítica da Psicologia – é justo dizer, então, que o objeto do livro é a Psicologia, tomada enquanto disciplina acadêmica, campo de pesquisa científica e campo de intervenção individual e social.

O livro é dividido em cinco partes, e cada parte é dividida em quatro capítulos (sim, bem “simétrico”), acompanhando basicamente a trajetória pessoal do autor. Assim, a primeira parte enfatiza o lugar do aluno e a forma como a Psicologia acolhe, formata e domestica aqueles que escolhem estudar na área; a segunda parte foca na experiência de pesquisadores ou “alunos de pós-graduação” (*strictu sensu*, no caso), analisando a forma como a Psicologia sustenta um curso com pendor científico (ou cientificista) e a forma como negocia permanência e prestígio no campo científico; a terceira aborda o ensino e a coordenação de práticas de pesquisa e exten-

são, analisando como se estabelecem as redes de negociação e disputa de poder que regulam o campo e constroem seus atores a subscrever pressupostos e práticas; a quarta parte aborda as perspectivas de engajamento crítico no campo da Psicologia, oriundas da teoria (como no caso da desconstrução e das perspectivas teóricas pós-coloniais e pós-estruturalistas) e da prática (como no caso dos grupos de Psiquiatria Democrática e demais perspectivas críticas e de resistência no campo da “saúde mental”); a quinta parte, por fim, aborda as dinâmicas institucionais em contextos universitários, de coordenação regional e de pesquisa, a coordenação de grupos e outros *loci* de hierarquia relativamente elevada dentro da burocracia da Psicologia enquanto disciplina universitária. Todo o texto colige uma erudição notável, uma memória impressionante e uma análise crítica balizada pelo “relato de memórias”.

Entendo o livro, então, como uma complexa peça de tapeçaria, em que a trajetória pessoal de Parker, o panorama da Psicologia em seu tempo (com destaque evidente para o que se passava no Reino Unido) e as perspectivas críticas que permitem analisar os impasses e limites de cada área de manifestação do “complexo psi” se entrecruzam na composição do texto.

O leitor brasileiro tem de buscar recursos próprios, evidentemente, para transpor o oceano que separa a narrativa de Ian do cenário que nos determina – e isso constitui uma limitação importante para o impacto do livro nesse contexto (para não mencionar o evidente abismo do ponto de vista da língua e da acessibilidade de um livro comercializado por uma editora inglesa). Para aqueles que dispõem de condições para uma jornada como essa, no entanto, parece-me que o esforço vale a pena: afinal, a distância entre a narrativa de Parker e a realidade do leitor brasileiro oferece, apostado, tantos potenciais quanto entraves (a alteridade sendo, como de hábito, fonte de inquietação tanto quanto de inspiração e *insight*).

Chamaria atenção, nesse contexto, para um elemento de alteridade que me parece decisivo: a presença, nos países de língua inglesa, de uma comunidade estabelecida e participativa de “sobreviventes” do complexo psi; entendo que esse elemento cumpre um papel decisivo na jornada de Parker e na própria condição de possibilidade de uma publicação como essa (o que significa dizer que é difícil imaginar uma publicação equivalente no Brasil, inclusive por força dessa diferença contextual).

Para quem não sabe: as comunidades de sobreviventes são estabelecidas e compostas por pessoas que foram submetidas a tratamentos “psi” (psicossociais, psiquiátricos e psicológicos, mas sobretudo psicofarmacológicos), que eventualmente se apropriam da percepção de que o tratamento os limita e determina de forma ruim, e que então angariam recursos (pessoais e ambientais) para romper com essas propostas de tratamento; uma vez “do outro lado”, elas se engajam em militância ativa contra a dimensão de poder e submissão envolvida no “complexo psi” e a favor de formas de cuidado que se ofereçam como alternativa e contraponto ao “complexo” (formas usualmente, mas não necessariamente, de base comunitária). Os movimentos de sobreviventes, é bom que fique claro, não podem ser subsumidos aos movimentos de Reforma Psiquiátrica nem de antipsiquiatria, e ainda que haja movimentos de sobreviventes no Brasil (como o movimento dos Ouvidores de Vozes, por exemplo), parece evidente que se trata de uma forma de militância menos consolidada no país.

E por que estou falando disso? Porque me parece claro que o livro de Parker, além de dialogar frequentemente com movimentos desse tipo, depende da existência de uma comunidade como essa como condição de possibilidade. Isso porque o livro pode ser entendido como a “despedida” de Parker em relação ao complexo psi – num dado momento no final do livro ele chega a relatar um encontro em que um sujeito o intitula como “antipsicólogo” e ele, após hesitação, aceita o título. No entanto, mais do que um antipsicólogo, trata-se de uma obra escrita por um

ex-psicólogo: Ian faz diversas menções à sua “saída” do complexo psi e declara explicitamente, na conclusão do livro, que acredita ser necessário abandonar a Psicologia e o psicologismo em busca de novos campos de luta. Nessa medida, ainda que seja em grande medida uma obra marxista e foucaultiana (termos que o autor adota reiteradamente ao longo do livro), compreendo que se trata acima de tudo da narrativa de um sobrevivente – a grande peculiaridade nesse sentido, talvez, é que nesse caso temos um sobrevivente que, tendo sido psicólogo e professor pesquisador de destaque na área, habitou altos escalões do complexo psi.

Mas acredito que haja mais do que isso em jogo – mais do que o relato de um sobrevivente, encontramos em “*Psychology through autoethnography*” um trabalho semelhante ao *whistle-blowing*: um relato de alguém que esteve dentro de uma instituição e se propõe a denunciar os abusos e malfeitos que percebeu em seu funcionamento. Nesse sentido, a obra apresenta diversos relatos – colhidos pelo autor ao longo de décadas de participações em eventos, laboratórios, grupos de pesquisa, ensinando na graduação e na pós-graduação – acerca de como o maquinário psi se organiza e se reproduz. Para Parker, as instituições psi não são muito diferentes de qualquer outra instituição, no sentido de serem dispositivos de cooptação e concentração de poder em redes relacionais geridas de forma a se perpetuar; o que elas têm de peculiar, no entanto, é o fato de serem baluarte central no desenvolvimento e implementação das tecnologias leves (e pesadas, eventualmente) que viabilizam o avanço dos governos neoliberais. Segundo Parker, a psicologia é crucial para o neoliberalismo na medida em que permite avançar em relação à lógica disciplinar clássica, articulando o que ele refere como “feminização” do trabalho às práticas de administração meticulosa da gestão do tempo e da força dos trabalhadores, dentro e fora do espaço de trabalho propriamente dito.

O argumento básico de Parker, nesse sentido, apesar de ser esmiuçado em diversos aspectos ao longo do livro, é relativamente simples: o autor expande o entendimento do regime disciplinar apresentado por Foucault em *Vigiar e Punir* (1984), de uma dimensão de vigilância ostensiva (em que o “guarda no centro da torre” observa os comportamentos de todos os detentos, na proposta/metáfora do Panóptico de Bentham) a uma dimensão de “interiorização da vigilância”, através da qual os detentos se comportam conforme esperado independentemente de o vigia estar ou não ali; essa expansão se dá no reconhecimento de que o “complexo psi” (e a Psicologia em particular) se presta ao desenvolvimento de estratégias para a “interiorização da vigilância” – fazendo com que nos compreendamos e nos refiramos a nós mesmos e aos demais em termos “psi”, submetendo-nos assim a uma lógica que seria, propriamente, disciplinar.

É daí que vem a contundência de Parker ao defender a ideia de que a Psicologia deve ser abandonada enquanto plataforma de resistência, crítica e militância; em seu entendimento, todo e qualquer empreendimento “psi” estará a serviço do poder disciplinar e, por extensão, do neoliberalismo e do governo dos homens; assim, a busca por plataformas críticas e revolucionárias passaria necessariamente por outros lugares – essa é a conclusão (um tanto melancólica) a que Parker chega ao final de sua longa trajetória pelo complexo psi em todos seus níveis (enquanto aluno e professor, pesquisador, orientador, coordenador e ativista). A ideia de uma Psicologia Crítica, para Parker, teria se tornado um oxímoro.

Independente de concordarmos ou não com a posição do autor (só posso supor que os leitores desta Revista não concordem, posto que estão lendo uma revista que leva “Psicologia” em seu próprio título), faremos bem em reconhecer a coragem do autor e em acolher com cuidado a relevância dos pontos críticos que levanta, os ensinamentos que traz e as reflexões que propicia.

Hank Stam, um dos autores de recepção crítica citados na quarta capa do livro, afirma que o livro opera como “*cautionary tale*” (conto de advertência talvez seja uma tradução apta para

a expressão idiomática); Michelle Fine, autora de outro desses trechos, chama a obra de “*walk off song*” (canção de despedida seria minha tentativa de tradução aqui); ambas as expressões apontam para o caráter alegórico, cativante e eventualmente encantatório envolvido no texto de Parker. Eu, concordando com o que as expressões denotam em termos de elogio ao apelo estético e literário do texto, e reforçando sua qualidade enquanto testemunho e texto crítico, vejo-me pouco preocupado com as perspectivas de uma onda de defecções de psicólogos arrependidos ou seduzidos pelo “chamado” de Parker; pelo contrário: entendo que a obra reforça a vinculação potencial dos estudantes e psicólogos com a importância de uma crítica consistente, contundente e sem concessões – afinal, a coragem de um homem de empenhar-se nessa direção por toda sua vida e seguir capaz de pensar criticamente serve, a meu ver, não só como canção de despedida e conto de advertência, mas como um exemplo de rigor e coragem, a servir mais como inspiração que como exemplo.

Referências

- Foucault, M. (1984). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis. Vozes.
- Müller, T. M. P. & Cardoso, L. (2017). *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Appris.
- Parker, I. (2020). *Psychology through critical autoethnography: academic discipline, professional practice and reflexive history*. Routledge.

WILSON DE ALBUQUERQUE CAVALCANTI FRANCO

<https://orcid.org/0000-0002-8944-3531>

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, USP. São Paulo/SP, Brasil.

Endereço: Av. Professor Mello Moraes, 1721, Butantã, São Paulo/SP.

E-mail: wilsondeacfranco@gmail.com

Histórico	Submissão: 27/04/2020 Aceite: 28/05/2020
------------------	---